

## UM ESTUDO SOBRE A PRESENÇA DA MULHER NO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE TURISMO DO CEFET/RJ UNED NOVA FRIBURGO E SUA ATUAÇÃO NO SETOR TURÍSTICO

ISABELA ROQUE LOUREIRO<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-0006-2178>

SIMONE EMILIANO DE JESUS<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-9177-3345>

CAROLINA AGUILAR<sup>3</sup>

<https://orcid.org/0009-0006-5458-7929>

EDVAR FERNANDES BATISTA<sup>4</sup>

<https://orcid.org/0009-0005-7548-6900>

AMBROZIO CORREA DE QUEIROZ NETO<sup>5</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-0336-913x>

Recebido em 19.09.2024

Aprovado em 21.10.2025

---

### Resumo

Tendo em vista a importância de trazer à luz novos trabalhos acadêmicos que versem sobre o protagonismo das mulheres na área do turismo, o presente estudo tem o objetivo de analisar como se estrutura o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo do CEFET/RJ UnED Nova Friburgo – instituição localizada na região serrana do Estado do Rio de Janeiro – quanto à questão de gênero bem como verificar a incorporação dos profissionais formados pela instituição no mercado de trabalho da área. O processo metodológico deste estudo se deu em duas etapas: em um primeiro momento em conexão com o primeiro objetivo, foi realizada uma análise dos dados institucionais internos; no segundo momento para se atingir o segundo objetivo proposto, foi aplicado um questionário online dirigido aos egressos do referido curso. Como resultados da primeira etapa,

---

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciada em Letras, Mestra e Doutora em Literaturas Hispânicas. Professora do Curso de Gestão de Turismo do CEFET/RJ Nova Friburgo. E-mail: [isabela.loureiro@cefet-rj.br](mailto:isabela.loureiro@cefet-rj.br)

<sup>2</sup> Bacharel e Licenciada em Letras, Mestre em Educação, Professora dos Cursos Técnicos de Administração e Informática integrados ao Ensino Médio do CEFET-RJ Nova Friburgo. E-mail: [simone.jesus@cefet-rj.br](mailto:simone.jesus@cefet-rj.br)

<sup>3</sup> Bacharel em Matemática - Modalidade Informática. Mestre em Informática. Professora do Curso de Sistema de Informação do CEFET-RJ Maracanã. E-mail: [carolina.aguilard@cefet-rj.br](mailto:carolina.aguilard@cefet-rj.br)

<sup>4</sup> Mestre em Sistemas de Gestão. Professor do Curso de Gestão de Turismo do CEFET-RJ Nova Friburgo. E-mail: [edvar.batista@cefet-rj.br](mailto:edvar.batista@cefet-rj.br)

<sup>5</sup> Bacharel em Turismo, Licenciado em Música, Mestre em Tecnologia e PhD in Natural Sciences. Professor do Curso de Gestão de Turismo do CEFET-RJ Nova Friburgo. E-mail: [ambrozio.neto@cefet-rj.br](mailto:ambrozio.neto@cefet-rj.br)

observou-se que os públicos de ingressantes e egressos são compostos majoritariamente por mulheres, confirmando o que a literatura já aponta para a área do turismo. Na segunda etapa, os principais resultados indicaram que os egressos estão atuando em diversas ocupações dentro do setor, sendo a maioria composta por mulheres. Verificou-se igualmente a predominância de mulheres formadas que estão desempregadas ou atuando fora da área do turismo, o que se contrapõe ao número extensivo desse público nos espaços formativos. Este estudo levantou reflexões críticas para fomentar o debate acerca da inserção e valorização da mulher no mercado de trabalho do turismo.

**Palavras-chave:** Gênero. Mulheres. Ensino superior. Gestão em Turismo. Mercado de trabalho em turismo.

## **A STUDY ON THE FEMALE PRESENCE IN THE HIGHER EDUCATION OF TOURISM MANAGEMENT IN CEFET/RJ NOVA FRIBURGO AND IN THE LABOR MARKET**

### **Abstract**

Recognizing the importance of highlighting women's protagonism in the tourism sector, this study aims to analyze the structure of the Higher Education Program in Tourism Management Technology at CEFET/RJ UnED Nova Friburgo, located in the mountainous region of Rio de Janeiro, with a focus on gender dynamics. Additionally, it investigates the professional integration of the program's graduates into the tourism labor market. Methodologically, the research was conducted in two stages: first, institutional secondary data were analyzed to assess gender representation among incoming and graduating students; second, an online questionnaire was conducted to alumni to explore their current occupational status. The findings from the first stage revealed a predominance of women among both entrants and graduates, aligning with existing literature on gender distribution in tourism education. In the second stage, results indicated that while most graduates – especially women – are employed in various roles within the sector, a significant portion of female alumni remain unemployed or work outside the field. These outcomes raised critical reflections on the challenges of female inclusion and recognition in the tourism labor market, underscoring the need for more equitable professional opportunities.

**Keywords:** Gender. Women. Higher Education. Tourism Management. Tourism Labor Market.

### **1. INTRODUÇÃO**

Embora o turismo seja um dos setores econômicos e globais (Yudhistira; Robaka, 2025) que mais emprega no mundo – 1 em cada 11 empregos está associado à atividade turística (WTTC, 2020) – as mulheres, que representam 54% da força de trabalho total do

turismo (UNWTO, 2019; Yudhistira; Robaka, 2025), ainda hoje, por conta de questões históricas, culturais e sociais que atravessam séculos, se deparam com expressivas barreiras que dificultam o ingresso delas no mercado de trabalho bem como a planificação de uma carreira de sucesso no setor.

No documento da International Social Tourism Organisation (ISTO) publicado em 2021, aborda-se a presença ostensiva das mulheres nas atividades turísticas e a precarização do trabalho feminino. Elas ganham 15% menos que os homens e estão frequentemente concentradas em trabalhos pouco qualificados ou informais, condição que limita o acesso das profissionais à proteção social e as coloca em uma posição de notória precariedade. Nos últimos 5 anos, a condição das profissionais se agravou devido aos impactos da pandemia mundial de COVID-19 (ISTO, 2021; UNWTO, 2019), o que notoriamente contribuiu para aprofundar as históricas e estruturais desigualdades de gênero na indústria do turismo.

Em contraposição à segregação e à precarização do trabalho da mulher no turismo na contemporaneidade, o documento assinala que os homens não foram drasticamente afetados; continuam ocupando a maioria dos cargos de gestão e liderança, reverberando a presença de um profundo abismo social e econômico entre homens e mulheres que se estrutura a partir das diretrizes do patriarcado, sistema que busca manter e consolidar o domínio masculino nas relações hierárquicas de poder (Bourdieu, 2010).

Türkcan (2022) também trata da segregação de gênero na força de trabalho do turismo e dos impactos que a pandemia de COVID-19 representou às profissionais da área. Constatou, por uma vasta revisão da literatura, que os mercados de trabalho globais ainda apresentam estruturas patriarcais e androcêntricas, e que, por conta disso, a pandemia tornou a questão laboral mais agravante para as mulheres. Como principais consequências, aumentou-se a carga de trabalho doméstico e de cuidados infantis não remunerados, o que contribuiu para o afastamento das trabalhadoras da força de trabalho (ONU, 2021 *apud* Türkcan, 2022), tornando mais crítica a questão da segregação de gênero no setor turístico.

O World Travel Tourism Council (WTTC) estima que, em setembro de 2020, mais de 121 milhões de empregos e meios de subsistência no setor de viagens e turismo foram afetados globalmente, criando o que determinam como a pior crise econômica e social (WTTC, 2020). Türkcan (2022) menciona dados mais alarmantes: que as taxas de desemprego feminino, nesse período, aumentaram mais do que as masculinas. Ademais,

verificou-se que a perda de empregos a tempo integral foi maior entre as mulheres. Também assinalou que as condições de trabalho remoto, durante o período pandêmico, aumentaram significativamente as atribuições e responsabilidades domésticas, o que desencadeou uma estratificação social mais profunda para as profissionais.

As disparidades entre homens e mulheres na área do turismo trata-se, pois, de um fenômeno estrutural e global, manifestando-se por meio de diferentes facetas: segregação ocupacional, disparidade salarial e vulnerabilidade, todas explicadas pela persistência de normas patriarcais que consagram a preeminência masculina. Diante desse cenário mundial marcado pela desigualdade de gênero, a promoção da igualdade e das políticas de empoderamento da mulher na área são cada vez mais necessárias (ISTO, 2021), o que se alinha ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 (ODS-5) da Agenda 2030, da Organização das Nações Unidas (ONU).

Minasi, Mayer e Santos (2022) assinalam que, apesar da grande importância das discussões que conectam as áreas de turismo e gênero, a informação sobre a condição da profissional no turismo brasileiro é escassa, e essa carência dificulta a implementação de ações sociais, políticas e acadêmicas que busquem reduzir esse abrupto abismo entre homens e mulheres. Pautados em Vázquez *et al.* (2019), asseguram que, apesar do expressivo crescimento de trabalhos que versam sobre essas áreas, as pesquisas sobre gênero no turismo na América Latina “ainda são limitadas e carecem de maior maturidade teórica e empírica” (Minasi; Mayer; Santos, 2022, p. 2). Yudhistira e Robaka (2025), fundamentados em Boonabaana (2024), problematizam que, apesar da crescente atenção acadêmica para o tema, as pesquisas existentes frequentemente apresentam discussões fragmentadas sobre as desigualdades de gênero no turismo e carecem de uma abordagem mais sistemática para analisar tendências históricas e prever desenvolvimentos futuros.

Diante dessa realidade, tornam-se fundamentais o incentivo e a promoção de estudos que estabeleçam a relação entre turismo e gênero no Brasil, a fim de se averiguar aspectos como o ingresso da mulher nos cursos superiores de turismo e posteriormente no mercado de trabalho da área. Tendo em vista a importância de trazer à luz novos trabalhos acadêmicos que versem sobre o protagonismo das mulheres na área do turismo, o presente estudo tem o objetivo de analisar como se estrutura o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo do CEFET/RJ UnED Nova Friburgo – instituição localizada na região serrana do Estado do Rio de Janeiro – quanto à questão de gênero, bem como verificar a

incorporação dos profissionais formados pela instituição no mercado de trabalho da área. O processo metodológico deste estudo se deu em duas etapas: em um primeiro momento em conexão com o primeiro objetivo, foi realizada uma análise dos dados institucionais internos; no segundo momento para se atingir o segundo objetivo proposto, foi aplicado um questionário online dirigido aos egressos do referido curso.

A fim de alcançar os objetivos propostos, trazemos, na próxima seção, ponderações sobre a ruptura do discurso patriarcal a partir do feminismo com a intenção de melhor problematizar a questão de gênero na sociedade bem como relacioná-la ao setor turístico. Na sequência, dedicamos uma seção para apresentação da metodologia da pesquisa, em que assinalamos como se deu o processo de coleta de dados, outra seção para a análise dos resultados e, por fim, apresentamos as considerações finais sobre a pesquisa.

Acreditamos que uma leitura aprofundada do curso proporciona reflexões críticas sobre a questão de gênero no espaço universitário e proposições futuras que podem contribuir para uma maior valorização da mulher no mercado de trabalho do turismo.

## **2. Do opressor discurso patriarcal à questão de gênero**

Kehl (1998) afirma que a cultura europeia dos séculos XVIII e XIX não só produziu como também difundiu uma diversidade de discursos inéditos que ambicionavam promover a adequação entre as mulheres e o conjunto de atributos, funções, predicados e restrições denominado feminilidade. Esses discursos enfatizavam a ideia de que a natureza feminina precisaria ser “domada pela sociedade e pela educação para que as mulheres pudessem cumprir o destino ao qual estariam naturalmente designadas” (Kehl, 1998, p. 58). E, em nome desse “destino”, determinado sócio-histórico e culturalmente, não coube a elas diferentes caminhos e escolhas. Silenciadas, tiveram de ostentar virtudes como recato, pudor, amabilidade e passividade, principalmente com relação aos desejos e ambições, a fim de que pudessem melhor exercer os papéis que lhes foram atribuídos pela sociedade patriarcal (Kehl, 1998).

Nesse cenário excludente e desigual, a preponderância masculina teve, portanto, todas as condições para seu pleno exercício, em especial na sociedade patriarcal do século XIX, período em que esse modelo de feminilidade se manteve hegemônico por conta do patriarcado bem como da imperante visão androcêntrica de mundo.

Bourdieu (2010) assinala que a preeminência universalmente reconhecida aos homens se afirma na objetividade das estruturas sociais e das atividades produtivas e reprodutivas, além de se basear em uma divisão sexual do trabalho de produção e reprodução biológica e social que confere ao homem a melhor parte. Essa divisão sexual encontra-se estritamente vinculada a uma ordem social que, segundo o autor, funciona como uma “imensa máquina simbólica” capaz de ratificar a preponderância do homem e a subserviência da mulher.

O silenciamento feminino, acentuado pela precária educação e pela exclusão das mulheres ao direito à cidadania, fez com que, no século XIX, muitas delas se insurgissem contra o patriarcado de forma a pleitear uma imediata revalorização da mulher. Assim, inicia-se a primeira fase do movimento feminista, compreendido como a resistência às relações hierárquicas de poder entre homens e mulheres. Elas buscavam, à época, a luta pela igualdade de gênero na esfera familiar e fora dela, a participação da mulher na vida pública, sua valorização no mercado de trabalho e uma educação de qualidade que lhes desse inclusive oportunidades de ingresso no ensino superior.

Depois da primeira fase, existiram outras etapas do feminismo conhecidas também como “ondas”. Essas diferentes fases “ocorreram em épocas distintas, historicamente construídas conforme as necessidades políticas, o contexto material e social e as possibilidades pré-discursivas de cada tempo” (Scott, 1986 *apud* Narvaz; Koller, 2006, p. 649). Sendo assim, não se pode falar de um único feminismo, exclusivo e específico, mas, sim, de vários feminismos (Narvaz; Koller, 2006). Na contemporaneidade, o feminismo deve ser considerado não somente um conceito, mas sim uma potência, um método fundamental de transformação social capaz de alterar tanto a microfísica quanto a macroestrutura da sociedade (Tiburi, 2021) e se debruçar sobre a história do movimento feminista nos conduz a outra importante discussão: a de gênero, posto que são signos complementares.

O conceito de gênero emergiu na década de 70 e se difundiu nas ciências nos anos 80 (Scott, 1986 *apud* Matos, 2008). Sua finalidade era diferenciar-se do sexo, que era visto como uma “categoria analítica marcada pela biologia e por uma abordagem essencializante da natureza ancorada no biológico” (Matos, 2008, p. 336). Gênero, por outro lado, enfatiza “traços de construção histórica, social e sobretudo política” (Matos, 2008, p. 336).

Segundo Scott (1995), o termo gênero se torna uma forma de indicar construções culturais acerca dos papéis atribuídos a homens e a mulheres. Para a autora, seria uma

forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas, “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (Scott, 1995, p. 75), que denota a responsabilidade da sociedade na criação de construções socioculturais que dominam e que são transmitidas de geração em geração.

Para Arruda e Nascimento (2015), a palavra gênero refere-se também ao modo como as pessoas e as instituições distribuem o poder em uma determinada sociedade, construindo, diferenciando, hierarquizando e atribuindo diferentes valores ao feminino e ao masculino. Apontam que falar sobre gênero é muito mais que atribuir diferentes funções com base no sexo biológico; antes, trata-se de uma questão de poder, fundamentalmente pelo fato de a relação entre os sexos ser desigual e assimétrica por excelência, o que nos remete à obra *O segundo sexo* (1949), em que Simone de Beauvoir, uma das principais vozes do feminismo no século XX, já se ocupava à época dessa assimetria, apontando a existência de um desequilíbrio social, em que “a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (Beauvoir, 2016, p. 13).

A discussão sobre gênero ganha novos contornos com *Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão da Identidade* (1990), de Judith Butler, livro que rapidamente tornou-se referência para um novo e fértil debate nos estudos de gênero. As críticas feitas por Butler ao ideal identitário e a abordagem de normatividade de gênero, pautada nas normas sociais que determinam e atuam na construção de gêneros, proporcionam reflexões a respeito da concepção de gênero, problematizando a histórica construção da categoria de mulher dentro das teorias feministas.

Butler (2015) vê a tentativa de classificar todas as mulheres em um único conceito identitário como excludente. Alinhada a Foucault, trata sexo e gênero como construções discursivas. Opõe-se às teorias ontológicas de “natureza” e defende a potencialidade dos corpos, tornando sua obra uma referência ao dar voz a sujeitos oprimidos e “vidas sem importância”. Diante disso, depreende-se a necessidade de dismantelar as classificações para “dar lugar à expressão singular contra todo um campo de experiência silenciada e, assim, proibida de existir ou condenada à morte” (Tiburi, 2013, p. 6).

Trazendo a questão de gênero para o âmbito das atividades turísticas no Brasil, importantes trabalhos científicos (Silveira; Medaglia; Massukado-Nakatani, 2020; Minasi; Mayer; Santos, 2022; Censon *et al.*, 2022; Moreira; Souza, 2025) apontam para uma expressiva desigualdade estrutural entre homens e mulheres no mercado de trabalho

turístico, e essa assimetria de gênero pode ser explicada pelo fato de os arranjos patriarcais ainda serem determinantes na contratação e na remuneração da mão de obra no setor.

Para Alves e Moreira (2016), as atividades intrínsecas ao ramo do turismo, como as de hotelaria, apresentam grande semelhança com os afazeres domésticos – acolher, acomodar e alimentar –, que estão profundamente relacionadas ao feminino. Minasi, Mayer e Santos (2022) também assinalam essa divisão do trabalho entre homens e mulheres, afirmando que a proporção de mulheres é “maior nas atividades e posições tradicionalmente associadas ao feminino e ao ambiente doméstico, como hospedagem e serviços de alimentação” (Minasi; Mayer; Santos, 2022, p. 1).

Apesar do expressivo crescimento da representatividade feminina no mercado de trabalho, estereótipos e culturas organizacionais continuam confinando as mulheres a cargos de atendimento ou de nível hierárquico inferior, como pontuam Yudhistira e Robaka (2025), com base em Elhoushy *et al.* (2024), Johnson e Mehta (2024), Lereculey-Péran *et al.* (2022), Leu e Müller (2016), McWay (2022), Mohamed *et al.* (2024), Ryan e Mooney (2020), Santero-Sanchez *et al.* (2015) e Santos (2023).

É importante comentar que essas áreas consideradas uma ramificação do lar, têm por sua vez uma característica em comum: a baixa remuneração, e, devido ao cenário marcado pela estereotipia e desvalorização do trabalho feminino, é que as teorias de gênero devem ser consideradas, com o propósito de dismantelar as construções sócio-históricas que acentuam a desigualdade e a exclusão das mulheres de ocupações mais qualificadas e de melhor remuneração.

Os estereótipos e papéis sociais atribuídos às mulheres desencadeiam graves efeitos colaterais na vida das profissionais. Bonalume *et al.* (2023) refletem sobre o peso das múltiplas jornadas de trabalho que historicamente recaem sobre elas, dando ênfase à análise das barreiras que impedem o direito ao lazer pela “falta de tempo, vinculada às questões relacionadas às tarefas culturalmente entendidas como função das mulheres, seguida da falta de recursos financeiros” (Bonalume *et al.*, 2023, p. 1). A pesquisa ilustra a sobrecarga enfrentada pelas trabalhadoras da área do turismo, que têm suas jornadas de trabalho estendidas para além do remunerado: “73% das mulheres citam os afazeres domésticos como principal obrigação, seguidos do trabalho remunerado profissional, com 46%, dos cuidados com a família, com 39% [...]” (Bonalume *et al.*, 2023, p. 7).

Yudhistira e Robaka (2025), fundamentados em Higgins Desbiolles (2020) e Madsen (2024), apontam que, apesar do aumento da conscientização e das intervenções políticas, barreiras estruturais estabelecidas pelo patriarcado persistem fortemente. Além disso, as políticas organizacionais elaboradas com a finalidade de apoiar a diversidade e a inclusão frequentemente carecem de implementação eficaz.

No âmbito educacional, pesquisas empreendidas por pesquisadores brasileiros (Silveira; Medaglia; Massukado-Nakatani, 2020; Minasi; Mayer; Santos, 2022; Censon *et al.*, 2022) apontam que, apesar das significativas desigualdades estruturais entre homens e mulheres, a presença feminina nos cursos de graduação é superior à masculina, o que dialoga com os dados apontados pelo Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (RASEAM), documento elaborado pelo Ministério das Mulheres (Brasil, 2025), que assinala a maior presença numérica de mulheres no Ensino Superior, tanto entre ingressantes quanto entre concluintes. Os dados do Censo da Educação Superior do INEP (2022), apresentados nesse relatório, apontam que “a proporção de mulheres ingressantes em cursos de graduação é de 59,7% e a de homens, 40,3%. Essa distribuição percentual se acentua um pouco mais quando se chega aos concluintes: 60,8% para mulheres e 39,2% para homens” (INEP, 2022 *apud* Brasil, 2025, p. 67). O Censo da Educação Superior 2024 – Notas Estatísticas também ilustra semelhante realidade: 74,8% das matrículas em cursos de licenciatura são do sexo feminino, enquanto 25,2% são do sexo masculino (Brasil, 2025, p. 23).

Embora a taxa de escolaridade feminina no Brasil seja maior que a masculina, o ingresso das mulheres em determinados cursos superiores, especialmente nas áreas de tecnologias e ciências exatas, ainda é dificultoso (Brasil, 2025), uma realidade que possivelmente pode ser explicada por barreiras atreladas às questões de gênero, mais especificamente à divisão sexual do trabalho tradicional estabelecida pelo patriarcado.

Nas salas de aula dos cursos de turismo, a presença feminina é majoritária. Silveira, Medaglia e Massukado-Nakatani (2020, p. 90) afirmam que “entre os egressos de cursos superiores de turismo a quantidade de mulheres ultrapassa os 70%, o que é bem superior à média nacional”. Entretanto, a realidade diverge quando se considera a presença de docentes mulheres no ensino superior. Em 2022, as mulheres ocupavam 171 mil das 362 mil funções docentes em exercício na educação superior brasileira. No mesmo período, as instituições federais de ensino registraram um crescimento significativo no número de

docentes: o total de homens saltou de 45,2 mil para 68,1 mil, e o de mulheres, de 33,4 mil para 53 mil. Como resultado, a participação feminina nessas instituições específicas subiu de 42,4% para 43,7% (FAPESP, 2024).

Na área do turismo, o número de docentes mulheres também é inferior, se comparado ao masculino. Minasi, Mayer e Santos (2022) confirmam esses dados ao evidenciar que entre os professores que atuam nos cursos de pós-graduação apenas 42% são mulheres, o que torna necessária a discussão dessa realidade dentro dos espaços acadêmicos e institucionais. Censon *et al.* (2022) também trazem importantes dados sobre a presença feminina na academia, com foco nos programas de pós-graduação. Demonstram que, embora as mulheres estejam dominando a formação em pesquisa na área de turismo, a estrutura acadêmica, pautada por normas socioculturais e históricas, ainda não permite que essa maioria se traduza em paridade nas posições de docência e liderança, reforçando a desigualdade entre os profissionais. E concluem, portanto, que as normas tradicionais de gênero “[...] trazem questões que podem, em alguma medida, colocar obstáculos ou limites que tendem a afetar as mulheres de forma mais acentuada que os homens” (Censon *et al.*, 2022, p. 10).

### 3. METODOLOGIA

Neste estudo observacional de natureza quali-quantitativa, buscou-se investigar se a maior escolarização feminina no turismo se confirmaria na UnED objeto desta pesquisa e analisar a absorção dos egressos no setor, sobretudo para verificar quais atividades têm sido mais ocupadas pelas mulheres da amostra selecionada. Para isso, partimos das seguintes perguntas: há uma proporção equilibrada entre homens e mulheres que compõem o corpo discente do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo no CEFET/RJ UnED Nova Friburgo? E como se dá a inserção profissional dos egressos no setor turístico?

Para investigar esse cenário relacionado à formação acadêmica e à atuação profissional na área de turismo, na perspectiva de gênero, foi realizada a geração de dados em dois momentos. Primeiro, houve um levantamento de dados institucionais, com uma população total de 704 ingressantes, para que fossem coletadas informações sobre sexo,

data de nascimento, formas de ingresso e evasão, períodos de ingresso e evasão dos estudantes no intervalo entre o 2º semestre de 2008 e o 2º semestre de 2022.

O segundo instrumento de coleta de dados foi um questionário elaborado no *Google forms*, direcionado aos estudantes concluintes compreendidos entre 2011.2 (considerando a duração de três anos do curso, o primeiro ciclo formativo ocorreu nesse período) e 2022.2. Por meio do e-mail que os estudantes formados cadastraram junto à instituição, foi feito um convite para que participassem da pesquisa. O texto destacou o objetivo da investigação e o cuidado com a proteção dos dados de acordo com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) – Lei n.º 13.709 (Brasil, 2018) –, ao informar que os pesquisadores estavam cientes da importância de preservar o sigilo dos respondentes e que os dados seriam utilizados exclusivamente com fins acadêmicos e em conformidade com a LGPD. O questionário só foi enviado aos estudantes após a Direção Geral ter deferido o pedido de autorização para a aplicação da pesquisa, e o Departamento de Proteção de Dados do CEFET/RJ ter aprovado o questionário.

Da população total de formados composta por 142 estudantes, obtivemos, no questionário, a resposta de 85 estudantes, o que equivaleu a uma amostra de aproximadamente 59,86% do n total.

Os dados estatísticos e qualitativos oriundos desses dois instrumentos foram interpretados à luz da literatura que versa sobre a relação entre gênero e turismo, para que analisássemos de que forma os achados deste estudo podem contribuir para a discussão sobre a participação da mulher nos âmbitos da educação e do trabalho no setor turístico.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A primeira etapa de análise se debruçou sobre os dados ofertados pela secretaria da UnED Nova Friburgo. Essas informações institucionais confirmam o dado presente na literatura de que as salas universitárias dos cursos das ciências humanas são majoritariamente ocupadas por mulheres. A proporção de alunas que ingressaram no curso objeto deste estudo é maior, totalizando 67% da população geral.

Analisando os dados referentes à quantidade de ingressantes por sexo no intervalo entre o 2º semestre de 2008 e o 2º semestre de 2022, em 27 semestres de um total de 29 períodos analisados, a entrada de alunas foi superior à quantidade de alunos ingressantes.

Apenas em dois semestres, o quantitativo de homens foi superior ao de mulheres: no 2º semestre de 2008, com 51,43% de alunos; e, no 2º semestre de 2014, o quantitativo foi de 64,29%. A informação detalhada sobre a quantidade de ingressantes no curso a cada semestre distribuída por sexo se encontra na tabela 1:

Tabela 1: Quantidade de ingressantes em cada semestre por sexo

Período de ingresso	Quantidade			Percentual	
	F	M	Geral	F	M
2008/2º semestre	17	18	35	48,57%	51,43%
2009/1º semestre	9	5	14	64,29%	35,71%
2009/2º semestre	21	18	39	53,85%	46,15%
2010/1º semestre	23	7	30	76,67%	23,33%
2010/2º semestre	11	7	18	61,11%	38,89%
2011/1º semestre	16	8	24	66,67%	33,33%
2011/2º semestre	13	5	18	72,22%	27,78%
2012/1º semestre	10	6	16	62,50%	37,50%
2012/2º semestre	12	5	17	70,59%	29,41%
2013/1º semestre	16	6	22	72,73%	27,27%
2013/2º semestre	9	4	13	69,23%	30,77%
2014/1º semestre	12	4	16	75,00%	25,00%
2014/2º semestre	5	9	14	35,71%	64,29%
2015/1º semestre	18	6	24	75,00%	25,00%
2015/2º semestre	14	10	24	58,33%	41,67%
2016/1º semestre	29	12	41	70,73%	29,27%
2016/2º semestre	17	5	22	77,27%	22,73%
2017/1º semestre	22	4	26	84,62%	15,38%
2017/2º semestre	12	10	22	54,55%	45,45%
2018/1º semestre	13	10	23	56,52%	43,48%
2018/2º semestre	11	5	16	68,75%	31,25%
2019/1º semestre	22	10	32	68,75%	31,25%
2019/2º semestre	17	13	30	56,67%	43,33%
2020/1º semestre	18	10	28	64,29%	35,71%
2020/2º semestre	22	10	32	68,75%	31,25%
2021/1º semestre	25	13	38	65,79%	34,21%
2021/2º semestre	14	6	20	70,00%	30,00%
2022/1º semestre	19	3	22	86,36%	13,64%
2022/2º semestre	8	2	10	80,00%	20,00%

Fonte: Dados da Secretaria do CEFET/RJ UnED Nova Friburgo.

Nessa população de estudantes ingressantes, o maior quantitativo tanto de mulheres quanto de homens se encontra na faixa etária de 21 a 30 anos, seguido da faixa etária de 31 a 40 anos.

Sobre as formas de evasão do curso na mesma janela temporal analisada em relação ao quantitativo de ingressantes, a tabela 2 ilustra maiores índices entre as mulheres, sendo significativa sua diferença nas formas de evasão por cancelamento e formatura. O resultado sobre o número de formados ser maior entre as alunas era, em alguma medida, esperado, considerando que também era maior o número de ingresso. No entanto, convém destacar que as taxas de abandono (176 mulheres) foram expressivamente mais elevadas que a evasão por meio de formatura (94 mulheres). O dado quantitativo, porém, se revela insuficiente para analisar mais profundamente essa realidade, o que seria mais viabilizado em uma análise de natureza qualitativa.

Tabela 2: Formas de evasão do curso por sexo

Forma de evasão	Quantidade			Percentual	
	F	M	Geral	F	M
Abandono	176	116	292	60,27%	39,73%
Cancelamento	149	69	218	68,35%	31,65%
Formatura	94	48	142	66,20%	33,80%
Transferência Externa	2	0	2	100,00%	0,00%
Transferência Interna	1	0	1	100,00%	0,00%

Fonte: Dados da Secretaria do CEFET/RJ UnED Nova Friburgo.

A população de alunos egressos por formatura confirmou a lógica estatística com a maior quantidade de formados entre as alunas do curso, perfazendo um total de 66% de alunas formadas em relação ao percentual geral de alunos.

A tabela 3 detalha por distribuição de sexo a quantidade e percentual de formados, tendo por referência o período de ingresso. Observa-se que, com exceção de 5 semestres nos quais a quantidade de alunos formados foi maior que de alunas formadas (sendo dois deles correspondentes a períodos em que houve maior ingresso de estudantes do sexo masculino, a saber: o 2º semestre de 2008 e o de 2014), houve uma equiparação entre eles em 2 semestres e, em 13 semestres, a quantidade de estudantes do sexo feminino formadas foi maior.

Tabela 3: Quantidade e percentual de formados por sexo

Período de ingresso	Quantidade de formados			Percentual de formados	
	F	M	Geral	F	M
2008/2º semestre	6	7	13	46,15%	53,85%
2009/1º semestre	6	1	7	85,71%	14,29%
2009/2º semestre	9	3	12	75,00%	25,00%
2010/1º semestre	4	2	6	66,67%	33,33%
2010/2º semestre	3	3	6	50,00%	50,00%
2011/1º semestre	5	4	9	55,56%	44,44%
2011/2º semestre	7	1	8	87,50%	12,50%
2012/1º semestre	2	2	4	50,00%	50,00%
2012/2º semestre	6	0	6	100,00%	0,00%
2013/1º semestre	4	2	6	66,67%	33,33%
2013/2º semestre	1	2	3	33,33%	66,67%
2014/1º semestre	5	0	5	100,00%	0,00%
2014/2º semestre	1	3	4	25,00%	75,00%
2015/1º semestre	8	0	8	100,00%	0,00%
2015/2º semestre	4	2	6	66,67%	33,33%
2016/1º semestre	8	4	12	66,67%	33,33%
2016/2º semestre	4	2	6	66,67%	33,33%
2017/1º semestre	8	2	10	80,00%	20,00%
2017/2º semestre	0	4	4	0,00%	100,00%
2018/1º semestre	1	3	4	25,00%	75,00%
2018/2º semestre	0	0	0	0,00%	0,00%
2019/1º semestre	1	0	1	100,00%	0,00%
2019/2º semestre	0	1	1	0,00%	100,00%
2020/1º semestre	1	0	1	100,00%	0,00%

Fonte: Dados da Secretaria do CEFET/RJ UnED Nova Friburgo.

Depois da análise dos dados institucionais, passaremos à avaliação do questionário dirigido apenas aos egressos formados. Esse segundo momento da coleta de dados gerou 85 resultados, e foram obtidas respostas entre o período de 14 de dezembro de 2022 a 25 de abril de 2023.

Convém mencionar que a coleta de dados precisou ser realizada através de convites sucessivos aos formados, gerando, assim, um tempo maior para essa etapa da investigação. Foi um fator limitante ao longo desse processo a dificuldade de adesão junto aos participantes, o que resultou na impossibilidade de alcançarmos 80% da população, como pretendíamos inicialmente.

Na primeira questão do questionário, perguntava-se sobre a concordância dos estudantes em participar do estudo bem como sua ciência da finalidade do trabalho e utilização dos dados em conformidade com a LGPD após a leitura do texto de apresentação. Todos os respondentes assinalaram a opção “Eu li a apresentação da pesquisa e concordo em participar dela”.

Os dados sociodemográficos que permitiriam a caracterização da amostra incluíam perguntas sobre o sexo (mantendo, assim, a informação que constava na parte documental), a cor/raça, a idade, além do período de ingresso e da colação de grau.

Em uma amostra composta por 85 estudantes formados, 62 são mulheres e 23 homens. 53 se declararam brancos, sendo 43 do sexo feminino; 23 se declararam pardos – 11 mulheres e 12 homens; dos 7 que se declararam pretos, 6 são mulheres; e 2 mulheres se declararam amarelas. Não houve respostas para a opção indígena.

A concentração de respondentes se encontra na faixa etária de 24 a 30 anos, com um quantitativo de 40 mulheres e 10 homens, seguido das idades compreendidas entre 31 e 40 anos de um grupo de 8 mulheres e 12 homens, gerada a partir da pergunta sobre a data do nascimento, que continha um modelo de resposta com dia, mês e ano. Como uma resposta não atendia a esse formato, precisou ser desconsiderada, pois o respondente informou que o ano do seu nascimento foi 199.

Analisando as respostas dos formados sobre o período de ingresso, sendo as opções compreendidas entre 2008.2 e 2019.2, verificamos que, na maioria dos semestres, ingressaram mais estudantes do sexo feminino. Dos 23 semestres, em apenas 5 houve a predominância de homens. No ano de 2016, houve a mesma quantidade de homens e mulheres, como se pode observar na tabela 4:

Tabela 4: Distribuição das respostas sobre o período de ingresso por sexo

Período ingresso	Quantidade			Percentual	
	F	M	Geral	F	M
2008.2	3	1	4	75,00%	25,00%
2009.1	1	0	1	100,00%	0,00%
2009.2	1	0	1	100,00%	0,00%
2010.1	2	1	3	66,67%	33,33%
2010.2	4	0	4	100,00%	0,00%
2011.1	2	0	2	100,00%	0,00%

2011.2	5	1	6	83,33%	16,67%
2012.1	1	0	1	100,00%	0,00%
2012.2	4	0	4	100,00%	0,00%
2013.1	2	0	2	100,00%	0,00%
2013.2	0	2	2	0,00%	100,00%
2014.1	7	0	7	100,00%	0,00%
2014.2	1	3	4	25,00%	75,00%
2015.1	7	0	7	100,00%	0,00%
2015.2	6	1	7	85,71%	14,29%
2016.1	5	5	10	50,00%	50,00%
2016.2	3	3	6	50,00%	50,00%
2017.1	6	3	9	66,67%	33,33%
2017.2	0	1	1	0,00%	100,00%
2018.1	2	0	2	100,00%	0,00%
2018.2	0	1	1	0,00%	100,00%
2019.1	0	0	0	0,00%	0,00%
2019.2	0	1	1	0,00%	100,00%

Fonte: Dados do questionário (2022-2023).

Para a forma de evasão por formatura, manteve-se a previsibilidade matemática, pois a entrada de alunas se sobrepôs a de alunos. Em todos os 23 períodos sinalizados, que estão compreendidos entre 2011.2 e 2022.2, em 15 deles a predominância foi do sexo feminino, como se verifica na tabela 5:

Tabela 5: Distribuição das respostas sobre o período da colação de grau por sexo

Período da colação de grau	Quantidade			Percentual	
	F	M	Geral	F	M
2011.2	0	0	0	0,00%	0,00%
2012.1	0	0	0	0,00%	0,00%
2012.2	1	0	1	100,00%	0,00%
2013.1	0	0	0	0,00%	0,00%
2013.2	2	0	2	100,00%	0,00%
2014.1	4	0	4	100,00%	0,00%
2014.2	1	0	1	100,00%	0,00%
2015.1	2	0	2	100,00%	0,00%
2015.2	1	0	1	100,00%	0,00%
2016.1	0	1	1	0,00%	100,00%
2016.2	5	0	5	100,00%	0,00%

2017.1	4	0	4	100,00%	0,00%
2017.2	4	1	5	80,00%	20,00%
2018.1	2	2	4	50,00%	50,00%
2018.2	4	1	5	80,00%	20,00%
2019.1	3	3	6	50,00%	50,00%
2019.2	4	0	4	100,00%	0,00%
2020.1	5	2	7	71,43%	28,57%
2020.2	4	2	6	66,67%	33,33%
2021.1	7	3	10	70,00%	30,00%
2021.2	9	6	15	60,00%	40,00%
2022.1	0	1	1	0,00%	100,00%
2022.2	0	1	1	0,00%	100,00%

Fonte: Dados do questionário (2022-2023).

Os resultados obtidos na análise dos dados institucionais e nas questões do questionário referentes à formação confirmam os achados dos estudos mencionados na revisão de literatura que realizamos para esta investigação, uma vez que indicam a predominância de estudantes mulheres em cursos de graduação das ciências humanas, além de evidenciar que elas são a maioria do corpo discente na área do turismo. Como apontam os estudos de Minasi, Mayer e Santos (2022), nos cursos superiores dessa área, as mulheres totalizam 66% do alunado, um dado muito similar ao encontrado nesta pesquisa, cujo percentual foi de 67% de mulheres.

Nesse sentido, como resposta a uma das questões de pesquisa, pode-se afirmar que, no curso foco do presente estudo, não há proporção entre homens e mulheres que compõem o corpo discente, já que a quantidade de mulheres é significativamente maior. Observa-se, portanto, uma feminização na formação profissional em turismo.

Constatado o ingresso maior de mulheres, o próximo passo da análise se debruça sobre as possíveis barreiras que os estudantes poderiam ter enfrentado ao longo da formação acadêmica e que poderiam, por sua vez, comprometer sua permanência e êxito. No questionário, quando perguntados se, durante a formação, precisaram trancar o curso, 66 participantes responderam negativamente, sendo 50 o número equivalente de mulheres. Os 19 trancamentos foram sinalizados por 12 mulheres e 7 homens. Entre os motivos apontados como determinantes, os participantes poderiam indicar mais de uma resposta entre as opções “Não se identificou com o curso”, “Problema de saúde na família”,

“Maternidade/paternidade”, “Motivos financeiros” e “Outra”. Foram obtidas 21 respostas nessa questão, porque os participantes poderiam marcar mais de uma opção.

Nas respostas de trancamento, a questão mais apontada como causa foram problemas de saúde na família, sendo 5 respostas de estudantes mulheres e 2 dos estudantes homens. Em seguida, foram relatadas dificuldades com o trabalho de conclusão de curso (TCC): em um total de 3 respostas, 2 foram de mulheres: uma delas sinalizou que demorou a concluir o TCC, e a outra relatou que teve dificuldade com a monografia; a resposta do estudante do sexo masculino versou sobre o tempo para elaborar o TCC. Por motivos financeiros, 2 homens e 1 mulher trancaram o curso. Outras respostas foram: 1 mulher afirmou que se desestimulou; 1 homem alegou exaustão mental; 1 mulher apontou como causa a falta de matéria; 1 mulher fez intercâmbio no exterior; 1 mulher sinalizou que foi devido à maternidade; 1 mulher apontou a pandemia como causa; 1 homem relatou que ficou sobrecarregado com as disciplinas eletivas; e 1 mulher apontou a tragédia de 2011, forte enchente que atingiu a cidade.

Em nossa análise, inferimos que as causas apontadas pelas estudantes mulheres para os trancamentos efetuados, como problemas de saúde na família, maternidade e até mesmo o período pandêmico, podem ser resultado de construções sócio-históricas que relacionam a mulher à esfera do cuidado. Tal concepção que atribui historicamente à mulher a tarefa de cuidar, delegando a ela a responsabilização com a família, quando somada aos compromissos externos ao lar, como, por exemplo, os estudos, tende a gerar sobrecarga e jornada dupla, um quadro que se mostrou expressivo sobretudo a partir da entrada das mulheres no mercado de trabalho.

De acordo com os dados de 2022 do PNAD - Outras formas de trabalho, mencionados por Nery e Britto (2023) no site da Agência IBGE Notícias, as mulheres ocupadas dedicaram mais horas em afazeres domésticos e/ou cuidado de pessoas que os homens ocupados, em uma média de 6,8 horas a mais. González e Borges (2021) apresentam os resultados do relatório anual produzido pelo Fórum Econômico Mundial, cujo estudo concluiu que os cuidados familiares ficaram, majoritariamente, sob a responsabilidade das mulheres no contexto da pandemia. Os resultados dessa parte do estudo coadunam com a discussão levantada por Bonalume *et al.* (2023) – apresentada na contextualização desta pesquisa – acerca do peso das múltiplas jornadas enfrentadas pelas mulheres. Essa sobrecarga pelo acúmulo de atividades atribuídas tradicionalmente ao

feminino pode ter representado para a amostra de mulheres desta pesquisa uma barreira significativa para a manutenção dos seus estudos, impactando, assim, o cumprimento de uma importante etapa para a construção da sua autonomia financeira.

Na sequência, passaremos à análise da parte do questionário que visava investigar a atuação profissional dos participantes do estudo e como se deu sua absorção na área turística após a formação. Para esse fim, foram elaboradas três perguntas. A primeira pergunta – No momento, você está atuando na área de turismo? – apresentou os seguintes itens: Não, eu atualmente estou desempregado(a); Não, eu atualmente atuo em outra área; Sim, eu atuo na área de turismo como autônomo(a); Sim, eu atuo na área de turismo no setor público; Sim, eu atuo na área de turismo na iniciativa privada como empregado(a); Sim, eu atuo na área de turismo na iniciativa privada como empresário(a).

As perguntas seguintes foram dirigidas especificamente à parte da amostra que atua profissionalmente em atividades do setor turístico. A segunda pergunta – Informe a(s) atividade(s) específica(s) que você realiza profissionalmente – continha os itens Agenciamento de viagens, Hotelaria, Eventos, Curadoria, Área de transportes (aéreo, rodoviário, marítimo ou ferroviário), Guiamento, Lazer e Recreação, Gestão pública, Cargo de chefia, Tutoria (presencial ou EAD), Docência (presencial ou EAD), Pesquisa (institutos, organizações e/ou universidades) e Outra. A terceira pergunta – Qual é a sua remuneração mensal atual? – compreendia as faixas salariais de até R\$2.000,00, de R\$2.000,01 até R\$4.000,00, de R\$4.000,01 até R\$6.000,00 e acima de R\$6.000,00.

Nessa amostra, 10 participantes, dentre os quais 8 equivalem ao número de mulheres, estão desempregados. O maior quantitativo de participantes está atuando em uma área diferente do turismo: desses 43, 36 são mulheres, número que se mostrou bastante expressivo. Vale salientar que, de 51% das pessoas que responderam não estarem atuando no turismo, 84% são do sexo feminino. Os que atuam na área do turismo somam 32 pessoas, sendo 12 autônomos, e desses 7 são mulheres; 5 participantes atuam no setor público do turismo, sendo 1 mulher; já os que atuam na iniciativa privada do turismo como empregado(a) somam 10, sendo 6 o número equivalente de mulheres; e os que atuam na iniciativa privada como empresário(a) são 5, dentre os quais 4 são mulheres.

Sobre as atividades profissionais realizadas pelos participantes que atuam no turismo, em um  $n$  amostral de 32, foram obtidas 61 respostas, uma vez que, além de os respondentes poderem marcar mais de uma opção, havia o item “outra”. Os resultados

dessa questão apontam que a maior parte dos respondentes atua em agenciamento de viagens, sendo essa a atividade que apresenta também maior número de participantes mulheres (8 dos 12 que atuam nessa área são mulheres); 1 mulher na área de transporte; 1 mulher em curadoria; em cargo de chefia, estão 2 homens e 2 mulheres; na docência, há 2 mulheres e 1 homem; em eventos, atuam 3 homens e 4 mulheres; na gestão pública, atuam 2 homens; em guiamento, há 3 mulheres e 6 homens; em hotelaria, há 2 mulheres e 5 homens; em lazer e recreação, atuam 1 mulher e 1 homem; em pesquisa, verifica-se a participação de 2 mulheres e 4 homens; na tutoria, atuam 2 mulheres. Como outras opções de atividades profissionais, observou-se o quantitativo de 1 mulher no setor de alimentos e bebidas, 1 mulher em artesanato, 1 homem em atendimento ao turista, 1 mulher atuando como profissional *freelancer* e 1 mulher em gerenciamento de aluguel por temporada.

Na amostra analisada, observamos uma relativa proporcionalidade na ocupação das vagas do setor turístico pelos homens e mulheres que concluíram sua formação na instituição. Denominamos como relativa, porque levamos em conta que o quantitativo de egressas foi consideravelmente maior. O tamanho reduzido do  $n$  amostral dificultou uma análise mais aprofundada da relação entre gênero, atividades de ensino e pesquisa, não sendo possível, portanto, analisar esses tópicos à luz dos achados da literatura, diferente da informação sobre a maior escolarização das mulheres universitárias nos cursos de turismo, que contemplou um quantitativo substancial oriundo dos dados institucionais.

A mesma limitação foi verificada na análise de atividades turísticas específicas, mas destacamos um dado que nos chamou atenção: a ausência de homens em atividades consideradas sociohistoricamente características do universo feminino, como o setor de alimentação e artesanato. A maior predominância dos participantes homens nas atividades de guiamento e hotelaria (embora a literatura indique forte concentração de mulheres nos cursos dessa última área) pode guardar relação com uma ponderação feita por Sousa, Gonçalves e Faria (2024), fundamentados em Costa *et al.* (2017). Os autores evidenciam que assumir determinadas atividades, como as que demandam flexibilidade horária para a prestação de serviços de atenção integral ao turista fora do horário comercial, pode ser um fator limitante para as mulheres, em razão da necessidade de conciliar atividades remuneradas com afazeres domésticos.

Apesar de não terem sido observadas disparidades de gênero nos vínculos empregatícios, convém ressaltar que a remuneração salarial ainda denota menor

valorização das mulheres da amostra no mercado de trabalho, como se pode depreender da análise das tabelas 6 e 7. Para analisar a média salarial do  $n$  amostral, considerando que alguns responderam a mais de uma opção na questão sobre as atividades profissionais, optamos por elaborar duas tabelas divididas por sexo, nas quais agrupamos essas atividades. Como se verifica na tabela 6, a maior concentração das participantes do estudo que atuam em atividades do setor turístico se encontra na faixa salarial de até R\$ 2.000,00 (10 mulheres). Para os participantes do sexo masculino, a tabela 7 indica a maior concentração desse público na faixa de R\$ 2.000,01 a R\$ 4.000,00 (8 homens). Nos itens de maior remuneração, o número de respostas foi reduzido e expressou o mesmo quantitativo para ambos os sexos. Cabe salientar, contudo, que, exceto a participante que atua em agenciamento de viagens e que recebe acima de R\$ 6.000,00, os demais somam esses valores pelo acúmulo de ocupações.

Tabela 6: Remuneração salarial nas atividades turísticas realizadas pelas participantes (sexo feminino)

<b>Atividades profissionais</b>	<b>Até R\$2.000,00</b>	<b>R\$2.000,01 até R\$4.000,00</b>	<b>R\$4.000,01 até R\$6.000,00</b>	<b>Acima de R\$6.000,00</b>	<b>Total geral</b>
Agenciamento de viagens	2	1		1	4
Agenciamento de viagens; cargo de chefia		1			1
Agenciamento de viagens; guiamento		1			1
Agenciamento de viagens; guiamento; <i>freelance</i>	1				1
Área de transportes (aéreo, rodoviário, marítimo ou ferroviário)		1			1
Artesanato	1				1
Eventos		1			1
Eventos; A;B	1				1
Eventos; curadoria	1				1
Guiamento; agenciamento de viagens	1				1
Hotelaria; cargo de chefia			1		1
Hotelaria; eventos; lazer e recreação	1				1
Trabalho com gerenciamento de aluguel por temporada	1				1
Tutoria (presencial ou EAD); docência (presencial ou EAD); pesquisa (institutos, organizações e/ou universidades)	1	1			2

Total geral	10	6	1	1	18
-------------	----	---	---	---	----

Fonte: Dados do questionário (2022-2023).

Tabela 7: Remuneração salarial nas atividades turísticas realizadas pelos participantes (sexo masculino)

Atividades profissionais	Até R\$2.000,00	R\$2.000,01 até R\$4.000,00	R\$4.000,01 até R\$6.000,00	Acima de R\$6.000,00	Total geral
Agenciamento de viagens; guiamento		2			2
Agenciamento de viagens; guiamento; cargo de chefia	1				1
Eventos; lazer e recreação				1	1
Gestão pública; pesquisa (institutos, organizações e/ou universidades)		1			1
Gestão pública; pesquisa (institutos, organizações e/ou universidades); atendimento ao turista		1			1
Guiamento	1	1			2
Hotelaria		3			3
Hotelaria; agenciamento de viagens; eventos; guiamento; docência (presencial ou EAD); pesquisa (institutos, organizações e/ou universidades)			1		1
Hotelaria; eventos; cargo de chefia	1				1
Pesquisa (institutos, organizações e/ou universidades)	1				1
Total geral	4	8	1	1	14

Fonte: Dados do questionário (2022-2023).

Os achados deste estudo possibilitaram analisar o cenário formativo do curso de turismo da instituição e o processo de absorção de parte dos egressos pelo mercado de trabalho da região investigada. Compreendemos como limitação desta investigação o tamanho reduzido da amostra, o que não permite generalizações desses resultados em uma perspectiva macro, mas que contribui para a ampliação dos estudos sobre a relação entre gênero e turismo bem como levanta a discussão sobre a importância da emancipação da mulher por meio da ruptura de violências simbólicas que naturalizam sua subordinação

(Bourdieu, 2010) e restringem seu acesso a espaços que ultrapassam os limites do lar. Ressaltamos que a maior escolarização verificada entre as mulheres já é um indicativo dessa ruptura, mas isso não implica necessariamente maior valorização das mulheres no setor turístico. Como destacado por Sousa, Gonçalves e Faria (2024), com base em Piscitelli (2006), a feminização de determinadas ocupações devido ao maior quantitativo de mulheres empregadas não acarretou mudanças estruturais profundas, sendo frequentes a baixa remuneração e desvalorização social do trabalho das mulheres, absorvidas como força de trabalho em atividades compreendidas como extensão do doméstico.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, nosso foco era analisar como se configura a questão de gênero dentro do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo do CEFET/RJ UnED Nova Friburgo e investigar como se deu a absorção dos formados no setor turístico. Os nossos achados indicaram que os egressos estão atuando em diversas ocupações dentro do setor. Ressaltamos, porém, como dado significativo a predominância de mulheres formadas que estão desempregadas ou atuando fora da área do turismo, principalmente porque são elas que ocupam majoritariamente esse espaço educativo.

É importante ponderar que, embora seja expressivo o número de egressos do sexo feminino, em nosso estudo, isso não configurou um aumento da ocupação da mulher nos diversos postos de trabalho turísticos, uma vez que se identificou que é necessário um quantitativo maior de concluintes mulheres para que se alcance uma aparente proporcionalidade. Sabemos que a assimetria de gênero entre homens e mulheres ainda ocasiona profundas desigualdades, sendo o movimento em direção a essa igualdade muito lento, ainda em função das raízes históricas do patriarcado.

Vale destacar que o  $n$  amostral obtido na etapa do questionário pode ter impactado o cenário de vagas ocupadas por homens e mulheres; no entanto, apesar de alguns fatores limitantes, foi possível atingir, no escopo deste estudo, quase 60% da população total. Apontamos algumas dificuldades durante o processo de investigação no que se refere à adesão dos participantes à pesquisa (talvez pela falta de acesso dos formados às contas de e-mail que utilizavam durante seu processo formativo ou até mesmo pelas fragilidades ocasionadas pelo momento pós-pandêmico, que desencadeou uma significativa taxa de

evasão de estudantes no âmbito da formação superior), resultando tanto em um tempo maior para a coleta de dados quanto na impossibilidade de alcançarmos 80% da população do estudo, como pretendíamos inicialmente.

Observamos que alguns estudos se debruçam sobre a relação entre turismo e gênero, como apontado ao longo deste artigo; não obstante, percebemos uma carência de pesquisas que analisem cenários mais específicos no âmbito nacional. Diante dessa lacuna, vimos a necessidade de elaborar um estudo com a intenção de melhor conhecer como se estrutura o curso ofertado pela nossa instituição bem como tentar compreender a incorporação desses formados no mercado de trabalho, uma vez que, para que se pensem estratégias de aprimoramento, faz-se necessário antes o entendimento e leitura crítica do cenário em que podemos atuar. Isso poderia, inclusive, nos permitir pensar em parcerias com órgãos municipais e setores privados, com o intuito de ampliar a oferta de oportunidades de trabalho para egressos dos cursos de turismo, além de fomentar mais estudos dessa natureza de forma a contribuir para esse campo de investigação.

Ressaltamos a importância de estudos que integrem as abordagens quali-quantitativas para uma apreciação triangulada dos dados obtidos. Neste estudo, a incorporação dos dados qualitativos oportunizou que nos aproximássemos dos desafios enfrentados pelos nossos estudantes em sua trajetória formativa e suas possibilidades de atuação profissional, de maneira a contribuir para que o curso se consolide cada vez mais em seu propósito de oferecer uma educação pública e de qualidade, comprometida com a formação de profissionais éticos, críticos e criativos.

Por fim, apontamos como desdobramentos possíveis deste estudo, a análise dos cursos de turismo na instituição como um todo, inclusive em sua modalidade de ensino a distância (EAD), para que tenhamos uma visão mais completa da relação entre gênero e turismo e também como uma forma de fomentar mais estudos sobre os cursos de turismo ofertados na educação superior brasileira. Outra possibilidade de pesquisa reside em analisar de forma mais específica como se dá a questão salarial entre os profissionais do turismo na cidade de Nova Friburgo, que se destaca como polo turístico do Estado do Rio de Janeiro, o que poderia contemplar uma investigação mais aprofundada das empresas turísticas da região, de forma a analisar, em um mesmo nicho, se homens e mulheres ganham remunerações distintas atuando na mesma função.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, K. S.; MOREIRA, M. I.C. Trabalho em turismo e relações de gênero. *In*: ALVES, K. S. **Turismo, trabalho e gênero**: uma abordagem interdisciplinar. Ouro Preto: UFOP/ Departamento de Turismo, 2016.
- ARRUDA, S.; NASCIMENTO, M. **O valente não é violento - Planos de aula**. 2015. Disponível em: [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/07/valente\\_aula1\\_sexo\\_genero\\_poder.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/07/valente_aula1_sexo_genero_poder.pdf). Acesso: 05 jun. 2022.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**- fatos e mitos. Tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BONALUME, C. R.; TAVARES, M. L.; ISAYAMA, H. F.; STOPPA, E. A. Mulheres, trabalho e lazer no Brasil: entre tempos, gostos, desejos e a fruição de um direito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 31, n. 2, e83799, 2023. DOI: 10.1590/1806-9584-2023v31n283799. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/X8NFPqwrPs9rtPK8gzkBRCR/?format=html&lang=pt>. Acesso: 26 out. 2025.
- BOURDIEU, P. **La dominación masculina y otros ensayos**. Buenos Aires: La Página S.A., 2010.
- BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). **Diário oficial da União**, Brasília, DF, 15 ago. 2018. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso: 10 jul. 2023.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2024**: notas estatísticas [recurso eletrônico]. – Brasília, DF: Inep, c2025. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 04 nov. 2025.
- BRASIL. Ministério das Mulheres. Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. **RASEAM (RELATÓRIO ANUAL SOCIOECONÔMICO DA MULHER)**. Brasília, DF: Ministério das Mulheres, 2025.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CENSON, D.; REIS, C. U. F.; MEDAGLIA, J.; MASSUKADO-NAKATANI, M. S. Trajetórias de mulheres na docência e na pesquisa em Turismo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, [s. l.], v. 16, p. 2468, 2022. DOI: 10.7784/rbtur.v16.2468. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/2468>. Acesso em: 07 nov. 2025.
- FAPESP. Participação feminina na docência superior. **Revista Pesquisa FAPESP**, 2024. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/participacao-feminina-na-docencia-superior/>. Acesso em: 07 nov. 2025.

GONZÁLEZ, A.; BORGES, R. Pandemia adia igualdade de gênero por mais uma geração. **El País** [online]. Madri/ São Paulo, 31 de mar. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2021-03-31/pandemia-adia-igualdade-de-genero-por-mais-uma-geracao.html>. Acesso: 02 mar. 2023.

ISTO. **Gender Equality**: what role are tourism organisations playing?, Working Group on Gender Equality, Diversity and Inclusion (GEDI), 2021. Disponível em: <https://isto.international/wp-content/uploads/2022/03/Gender-equality-EN.pdf>. Acesso em: 30 out. 2025.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do Feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

MATOS, M. Teorias de gênero ou teorias e gênero?: *Se e como* os estudos de gênero e feministas se transformaram em um *campo novo* para as ciências. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 336-357, maio-agosto/2008.

MINASI, S. M.; MAYER, V. F.; SANTOS, G. E. O. Desigualdade de gênero no turismo: a mulher no ambiente profissional no Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, 16, e-2494, 2022. DOI: <http://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2494>.

MOREIRA, J. F. R.; SOUZA, G. S. Desigualdades de gênero e hierarquias sociais entre profissionais mulheres no turismo. **Revista Tocantinense de Geografia**, [s. l.], v. 14, n. 32, p. 426–445, 2025. DOI: 10.70860/rtg.v14i32.19631. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/geografia/article/view/19631>. Acesso em: 27 out. 2025.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudo de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Revista Psicologia em estudo**. Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NERY, C.; BRITTO, V. PNAD Outras formas de trabalho. Em 2022, mulheres dedicaram 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas. **Agência IBGE Notícias**. 11 de agosto de 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVEIRA, C. E.; MEDAGLIA, J. N.; MASSUKADO-NAKATANI, M. S. O mercado de trabalho dos egressos de cursos superiores em turismo: comparações dos dados de 2012 -2018. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v.14, n. 2, p. 83-94, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/1779>. Acesso em: 21 mar. 2023.

SOUSA, A.L.; GONÇALVES, C.C.S.; FARIA, D.M.C.P. Mercado de trabalho e gênero: a participação das mulheres nas atividades características do turismo. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, [s.l.], v. 22, n. 1, p. 57-73, jan./mar. 2024. DOI: <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2024.22.004>. Disponível em:

<https://repositorio.fjp.mg.gov.br/items/f6dbc86c-3712-419e-bf01-4c9484e24b74/full>.  
Acesso em: 27 out. 2025.

TIBURI, M. Judith Butler: Feminismo como provocação. **Revista Cult**, 5 nov. 2013. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/judith-butler-feminismo-como-provocacao/#:~:text=O%20feminismo%20de%20Butler%20%C3%A9,as%20rela%C3%A7%C3%B5es%20entre%20pessoas%20concretas>. Acesso: 13 mar. 2023.

TIBURI, M. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosas do Tempo, 2021.

TÜRKCAN, B. Gender Segregation in Tourism: A Comprehensive Literature Survey and Policy Recommendations for the Post-COVID Era. **Journal of International Women's Studies**, v. 23, n. 4, p. 71-87, 2022. Disponível em: <https://vc.bridgew.edu/jiws/vol23/iss4/5>. Acesso em: 07 nov. 2025.

UNWTO. **GLOBAL REPORT ON WOMEN IN TOURISM** – Second Edition. UNWTO, Madrid, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18111/9789284420384>.

WTTC. **100 Million Jobs Recovery Plan Final Proposal**. 2020. Disponível em: <https://wttc.org/governments/2020-g20-recovery-plan>. Acesso: 06 mar. 2023.

YUDHISTIRA, P. G. A.; ROBAKA, G. W. Gender's role in shaping participation and career opportunities in the tourism industry: A systematic literature review, **Social Sciences & Humanities Open**, Elsevier, Volume 11, 101604, p.1-10, 2025. ISSN 2590-2911. <https://doi.org/10.1016/j.ssaho.2025.101604>.